

## COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS E COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: REFLEXÕES NO ÂMBITO DO PIBID/PEDAGOGIA<sup>1</sup>

Steffany Lídia da Costa Santos<sup>2</sup>  
Clara Melo Casotti Bastos<sup>3</sup>

O presente texto foi fundamentado a partir de experiências e observações em uma escola da rede pública de ensino do DF, em uma turma de 5º ano do ensino fundamental, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no subprograma do IFB - Campus São Sebastião da Licenciatura em Pedagogia. Possui finalidade de relacionar as Competências Socioemocionais, trazidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) à teoria da Comunicação Não Violenta (ROSENBERG, 2021), de modo a enriquecer o argumento de que a formação humana, e em especial o processo de alfabetização, pode ser potencializado a partir de uma intervenção elaborada e intencional, neste caso, à luz da Teoria da Comunicação Não Violenta. Contém intervenções produzidas e vivenciadas no contexto do Pibid durante os períodos de intervenção na escola.

Para aprofundar a temática, foi feito um estudo da obra *Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais* (Marshall B Rosenberg, 2021), e de autores que tratam das contribuições da CNV na prática docente, e também da BNCC - Base Nacional Comum Curricular (2018), especificamente onde aborda a temática das competências emocionais.

Para a sistematização das observações e experiências geradas foi elaborada e aplicada em sala de aula do 5º ano do ensino fundamental uma sequência didática de três intervenções com auxílio dos livros *A parte que falta* e *A parte que falta encontra o grande O* de Shel Silverstein (2022), que tratam a educação socioemocional de forma lúdica. A primeira intervenção foi sobre os usos dos porquês na disciplina de língua portuguesa, a segunda foi sobre a adolescência como fase da vida de maior mudança abrangendo assim a disciplina de

<sup>1</sup> Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, cujo órgão de fomento é a CAPES.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto Federal de Brasília- IFB e bolsista do PIBID., [steffany.santos@estudante.ifb.edu.br](mailto:steffany.santos@estudante.ifb.edu.br) ;

<sup>3</sup> Professor orientador: Mestre em Educação, Instituto Federal de Brasília - DF e coordenadora de área do PIBID/Pedagogia. [clara.bastos@ifb.edu.br](mailto:clara.bastos@ifb.edu.br)

ciências. Por fim, a última intervenção foi a criação de uma peça teatral baseada nos livros, articulada com a disciplina de artes.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é definida como:

“Um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento.”  
(Brasil, 2018)

Para assegurar as aprendizagens essenciais para o pleno desenvolvimento dos estudantes, a BNCC traz dez competências gerais - conceitos e procedimentos - que devem estar de acordo com os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Em concordância com essas competências, a BNCC afirma que “[...] a educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (Brasil, 2018).

Em todas as dez competências gerais, que se interligam e se relacionam, estão as competências socioemocionais que tratam da compreensão e manuseio das emoções fundamentais para a manutenção das relações na sociedade, no desempenho escolar e na vida cotidiana do indivíduo. Funcionam como ferramentas para desenvolver as habilidades socioemocionais dos alunos da rede de educação básica, sendo elas: autoconsciência, autogestão, consciência social, habilidades de relacionamento e tomada de decisão responsável. Relacionamos aqui o desenvolvimento de tais habilidades com a teoria da Comunicação Não Violenta.

De acordo com Marshall B Rosenberg (2021), psicólogo criador da teoria, a comunicação não violenta (CNV) é uma forma de comunicação baseada em habilidades de interação um com o outro de maneira compassiva, sendo composta por quatro componentes. O primeiro é observar sem julgar, que consiste em observar um acontecimento e não emitir opinião sobre ele; o segundo componente é identificar e expressar os sentimentos. Refere-se à capacidade de identificar os sentimentos gerados ou presentes em observações e expressá-los adequadamente, ou seja, eles devem ser expressados de forma clara e livres de críticas; o terceiro é expressar as necessidades. Abrange no reconhecimento de quais necessidades estão ligadas a cada um desses sentimentos.

Com a consciência desses três componentes da CNV, acreditamos ser possível se comunicar com clareza e estabelecer uma ligação com o outro. O quarto e último componente

é o pedido (grifos das autoras). Este qual deve ser algo enriquecedor para a vida e corresponder à necessidade do sentimento. Ao realizar o pedido, deve-se fazê-lo de modo que especifique de maneira clara o que você está pedindo ou está deixando de pedir, e a sua linguagem deve ser positiva e concreta para que a pessoa compreenda o que você quer dizer.

Pensando em uma educação livre de violência na dimensão socioemocional, em que o aluno é respeitado, podendo expressar as suas emoções, consideramos aqui a apropriação das bases da Comunicação Não Violenta Para a mediação de conflitos para realização de atividades e para melhorar a convivência nas relações professor-aluno e aluno-aluno, tornando-as mais empáticas e respeitadas. Sendo assim, a educação “[...] baseada no diálogo e no respeito, que não tem espaço para violência e atitudes punitivas e depreciativas, deve ser um espaço de educação para a humanidade, de educação para a paz.” (GAIDARGI, 2019, p. 260). E com referência à BNCC, que busca ações estimuladoras de uma educação humanizada para a sociedade, considera-se que as competências socioemocionais e a Comunicação Não Violenta podem ser utilizadas de forma indissociáveis e contínuas no processo de alfabetização.

O Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), Art. 70ª da Lei nº 8.069 de 1990 - importante base normativa também para o ambiente escolar, propaga que a educação deve ocorrer de forma não violenta. Considera-se então que a alfabetização deve acontecer em um ambiente livre de comportamentos violentos e com mediação respeitosa, pois quando essas interações não são adequadas, o processo pode ser prejudicado, podendo ocasionar aos aprendizes baixa autoestima e desestimulação para aprender.

O ambiente escolar, segundo Pâmela da R. Martins (2020), pode ser muito estressante para os docentes devido às situações de conflitos, ocasionando em situações de violências verbais imperceptíveis para o mesmo. Essas situações de violência podem ser refletidas de modo explícito ou velado quando, por exemplo, o docente oprime o aluno. A mesma autora ainda cita:

“A CNV contribui nas relações interpessoais no ambiente escolar ao proporcionar a construção de relações mais empáticas: os docentes são capazes de se colocarem no lugar dos seus alunos e estes no lugar dos docentes, uns conhecendo as realidades dos outros. Ela também desenvolve o autoconhecimento, possibilitando os docentes a observarem-se e a expressarem-se de forma mais direta e consciente.” (Martins, 2021)

Assim, a partir das observações feitas na escola, em uma turma de 5º ano, analisamos que os alunos que possuíam idade entre 10 a 14 anos, ou seja, cronologicamente à frente da idade adequada, possuem déficit tanto na alfabetização quanto nas habilidades

socioemocionais para a faixa etária e da organização escolar em seus ciclos de aprendizagem. Tais déficits são prováveis resquícios do processo de ensino remoto durante a pandemia do COVID-19. Pensando nisso, foram planejadas pela pibidiana atividades que trabalhassem a alfabetização e as competências socioemocionais determinadas pela BNCC, fazendo uso da Comunicação Não Violenta durante a convivência com os alunos, pois também foi identificado durante as observações problemas relacionados à baixa autoestima e desestimulação para aprender.

Pensando nas ações práticas pedagógicas, a pibidiana optou pelo os livros *A parte que falta* e *A parte que falta encontra o grande O* de Shel Silverstein (2022), pois nele contém temas como autoconhecimento, tomada de decisão responsável, autoconsciência e autogestão, contemplando assim as habilidades socioemocionais. Contudo, para além de contemplar apenas o âmbito socioemocional, as intervenções tinham finalidade relacionar os conteúdos referentes à organização escolar e auxiliar o processo de alfabetização.

Sendo assim, os conteúdos abordados em sala de aula foram o uso adequado dos porquês na disciplina de Língua Portuguesa, a partir de um texto criado pela a pibidiana baseado no livro *A parte que falta*; o conteúdo sobre as fases da vida na disciplina de ciência, feita pela interpretação do livro *A parte que falta encontra o grande O*. E para a finalização da sequência didática, o conteúdo foi produção teatral a partir da releitura dos livros feita pelos alunos, abrangendo a disciplina de artes.

Durante as aplicações das ações práticas pedagógicas, o uso dos princípios da teoria da Comunicação Não Violenta foi essencial para o desenvolvimento de confiança e afeto, para que desse modo, se estabelecesse uma boa relação professor-aluno, à qual acreditamos refletir no ensino-aprendizagem. Diante dessa possibilidade, pôde-se perceber que as atividades fluíram a fim de que essa relação permanecesse, respeitando o limite que os alunos opunham nos momentos de convivência e de realizações de atividades. Os alunos eram direcionados a outros afazeres ou conversas para que sua necessidade fosse atendida, por meio do pedido.

Outrossim, tendo como aspecto uma prática de educação emancipatória, optou-se por objetivos que contextualizam a realidade dos alunos e instiguem interesse neles. Por exemplo, quando realizada a segunda atividade cujo o foco era o período da adolescência como fase da vida de maior mudança, foi pedido para os alunos traçarem uma linha de objetivos para o ensino fundamental - anos finais, a fim de que enxergassem uma ascensão futura em suas vidas e entendendo a realidade na qual estão inseridos.

Ao se pensar em educação para transformação, é fundamental para a aprendizagem ser mais significativa estar em um ambiente livre de violência, seja verbal, intelectual ou física.

Para isso é necessário também uma mediação respeitosa - papel crucial na emancipação do aluno.

Levando todo o caminho dessa experiência em consideração, um aluno ao fazer a atividade da segunda intervenção, relatou: “para eu ir para o 6º ano, eu preciso largar de ser burro”. Através da mediação com o uso da Comunicação Não Violenta e entendendo qual era a sua necessidade, mostramos que existem processos de aprendizagens diferentes, citando exemplos de outros colegas de turma, apelando para que não se referisse daquela maneira. Contudo, já na terceira intervenção, esse mesmo aluno trouxe que se retratou até com a própria mãe e falou que nunca mais se chamaria de burro.

Concluimos assim que, o desenvolvimento das competências socioemocionais deve atravessar a ação pedagógica, ou seja, todos os componentes e áreas de ensino, a fim de proporcionar uma formação humana integral e respeitosa.

**Palavras-chave:** Comunicação Não Violenta, Alfabetização, Competências Socioemocionais, aprendizagem.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à CAPES, por permitir a viabilização do PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Competências socioemocionais como fator de proteção à saúde mental e ao bullying. Base Nacional Comum Curricular, 2018.

GAIDARGI, Alessandra Maria Martins. Educação infantil dialógica e não-violenta. *Dialogia*, [S. l.], n. 33, p. 246–262, 2019. DOI: 10.5585/dialogia.N33.13668. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/13668>. Acesso em: 28 set. 2023.

MARTINS, Pâmela da Rosa. Contribuições da Comunicação não-violenta na prática docente. Santa Catarina, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/handle/123456789/2493>. Acesso em: 28 set. 2023.

ROSENBERG, Marshall B.. Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2021.